

## EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA PARA PESCA ARTESANAL

Sileno Luís de ALCANTARA<sup>1\*</sup>; Andréa Teixeira de SIQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Prorural-PE; <sup>2</sup>TS Alimentos Ltda.

\*silenoluis@yahoo.com.br

**Resumo** - Os objetivos deste trabalho foram analisar as razões que levaram ao insucesso da Cooperativa Mista dos Armadores e Pescadores Autônomos de Pernambuco - COOPESCAPE, e chamar a atenção, nos dias atuais, para a importância da educação cooperativista, antes de qualquer formalização deste tipo de empresa. Este trabalho apresenta ainda uma análise das opiniões dos sócios e líderes da Cooperativa, tomando como base a educação cooperativista, enfocando, no primeiro momento, as razões e a forma de organização da associação, além dos aspectos que motivaram a saída da maioria dos seus sócios. No segundo momento, apontamos as principais razões do encerramento das atividades da COOPESCAPE dez anos após sua constituição. As referidas análises fornecem instrumentos teóricos específicos, para cooperados e dirigentes, bem como para os que se interessam pela educação na formação de uma cooperativa.

PALAVRAS-CHAVE: Cooperativismo; Associativismo; Educação.

## COOPERATIVE EDUCATION FOR ARTISANAL FISHES

**Abstract** - This work presents an analysis of associates opinions and leaders' of the "Cooperativa Mista dos Armadores e Pescadores Autônomos de Pernambuco – COOPESCAPE", taking as base the cooperative education focusing, in the first moment, the reasons and the cooperative form of the association, besides the aspects that motivated the exit of most of the COOPECAPE. In the second moment, we pointed the main reasons of the closing of its activities ten years after the formation. The mentioned analyses furnish specific theoretical instruments to the members and direction of the cooperative system, as well as to those who are interested about the education importance in the cooperative society formation.

KEY WORDS: Cooperative; Associativism; Education.

## INTRODUÇÃO

Considerando a importância que as atividades de pesca vêm assumindo no país, a partir de 2003, com a criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP/PR) e visando discutir e refletir temáticas ligadas à pesca artesanal, principalmente no que diz respeito às formas de organizações dos pescadores elegeu-se o cooperativismo como tema deste trabalho, mais especificamente, o cooperativismo pesqueiro.

Os incentivos governamentais ao desenvolvimento do cooperativismo são visíveis no Plano Político-Estrutural da SEAP/PR. Entretanto, essa instituição parece não considerar as dificuldades históricas de mobilização dos pescadores no campo do cooperativismo, ignorando que a formalização de uma empresa cooperativa depende muito mais de fatores organizacionais internos do que externos, como captação de recursos, elaboração de projetos e outros.

Dentro dos princípios e valores que norteiam o cooperativismo, especificamente quanto aos fatores organizacionais internos, entendemos a educação cooperativista como instrumento fundamental no bom funcionamento da empresa cooperativa na medida em que essa educação vise ampliar a participação direta dos associados nas decisões da organização, para isso é necessário que os associados e sua família participem de cursos além de debates e conferências visando torná-los aptos para o exercício cooperativista. Este exercício educativo se dá a partir de metodologias apropriadas com o objetivo da busca moral e social dos seus associados e do estímulo à ação de forma crítica na gestão da instituição, criando o hábito de ver, pensar e julgar de acordo com os princípios e o ideal do cooperativismo. Segundo (Braga et al., 2002) “essa educação busca a formação e conscientização do indivíduo no âmbito da cidadania trabalhando esses aspectos de acordo com os objetivos de cada cooperativa e com o relacionamento dessas com a sociedade”.

Assim, destacamos a educação cooperativista na pesca artesanal como aspecto central desta análise. Escolhemos a extinta Cooperativa Mista dos Armadores e Pescadores Autônomos de Pernambuco COOPESCAPE, de Brasília Teimosa, Recife como estudo de caso. A organização, fundada em 1976, se desenvolveu com uma expectativa de que os problemas do setor pesqueiro em Pernambuco pudessem ser minimizados por meio do cooperativismo. Idéia que sobreviveu até o seu fechamento em 1986.

Em estudo desenvolvido no início da década de 80, verificamos que os pescadores da COOPESCAPE não participavam efetivamente da vida da cooperativa. Um dos fatores identificados para explicar essa fragilidade organizacional foi a ausência da educação cooperativista antes da criação da empresa (Alcantara, 1980).

Diante da euforia com que as políticas públicas na área da pesca visualizam o desenvolvimento do setor pesqueiro pela via do associativismo e do cooperativismo, parece importante trazer de volta e atualizar as análises desenvolvidas há 26 anos sobre a COOPESCAPE. Para compreender melhor a experiência da COOPESCAPE, transpusemos para este trabalho dados relacionados à forma como a cooperativa foi organizada, a partir do estudo de (Alcantara, 1980). Em janeiro de 2007, foram coletadas declarações de ex-sócios e dirigentes de gestões distintas da organização mediante entrevistas com roteiro semi-estruturado. Tais entrevistas foram realizadas na Associação dos Pescadores Profissionais e Artesanais de Brasília Teimosa e Colônia de Pescadores Z-1 do Pina, em Recife.

Chamamos à atenção para o fato de que a COOPESCAPE agregou duas categorias distintas - armadores e pescadores - em seu quadro de sócios. Esse aspecto é considerado problemático na empresa cooperativa na medida em que poderá suscitar conflitos de interesses, como assinala (Rios, 2006). Diz ele: não adianta, por exemplo, congregarmos armadores com pescadores, grandes produtores rurais com pequenos produtores, produtores e comerciantes e assim por diante. Quando situações desse tipo ocorrem, o que vai resultar ao invés de cooperação é antes o conflito de interesses, aberto ou camuflado, na forma de acomodação, uma acomodação que em geral implica, gerando apatia e descrença na exploração dos menos situados sócio-economicamente pelos que estão nas posições sócio-culturais dominantes.

Acreditamos que uma reflexão sobre a experiência desenvolvida há 26 anos pela COOPESCAPE poderá contribuir para a discussão da educação cooperativista como estratégia fundamental à implementação das políticas de desenvolvimento da pesca pela via do cooperativismo. Aspecto que se torna relevante quando sabemos que fatores de ordem sociocultural determinaram que a categoria de pescadores artesanais seja observada de forma distinta em relação a outras categorias sociais, principalmente quando o tema é cooperação e associativismo. Em texto recente, (Cuallou et al., 2006) abordam a forma vertical como foram implantadas e desenvolvidas as colônias de pescadores no Brasil e suas repercussões nefastas sobre o cooperativismo pesqueiro.

#### ORIGEM DO COOPERATIVISMO: BREVE HISTÓRICO

Foi com o aparecimento, no século passado, da cooperativa dos tecelões de Rochdale na Inglaterra que teve origem o cooperativismo.

A indústria de tecelagem, criada em 1843, se desenvolvia com bastante prosperidade deixando assim, uma grande margem de lucros aos seus proprietários. Por outro lado, os tecelões de Rochdale desejavam obter um aumento nos seus salários, porém não foram atendidos. (Holyoake, 1972).

Na época existia um grupo de defensores da “Carta do Povo” denominados cartistas, que pleiteava reformas políticas profundas, e se interessou pela causa dos tecelões (Holyoake, 1972). Preocupados com a lenta viabilização do programa político contido na “Carta do Povo” os socialistas propuseram que os tecelões se unissem numa ação conjunta e lançassem mão dos meios que estavam ao seu alcance para melhorar a sua situação imediata sem, no entanto, deixar de lutar pelo programa da carta. A proposta mais viável sugerida foi a criação de uma sociedade de mútuo auxílio (cooperativa), como forma de melhorar a situação dos tecelões dentro do sistema de salariado. Fica claro então, que a proposta não surgiu como uma solução definitiva.

O fato da primeira Cooperativa, bem como dos primeiros sindicatos terem nascido na Inglaterra deve-se ao surgimento nesse país dos primeiros manufaturados, dando origem ao

capitalismo. Ou seja, tanto os sindicatos como as cooperativas são oriundas do capitalismo, portanto, precisam ser estudados levando em consideração a dinâmica e as mutações desse sistema de produção social.

A alternativa cooperativista tinha (e de certa forma ainda tem para alguns estudiosos) um conteúdo fortemente utopista, tanto é que foram chamados de socialistas utópicos os pré-marxistas como Fourier e Saint-Simon que foram alguns dos seus principais precursores (Molina, 2007). O objetivo da doutrina cooperativista era diminuir os efeitos negativos tanto no campo social como no econômico originado pela revolução industrial que destruiu as antigas bases de sustentação do regime feudal, criando novas relações de trabalho, modificando totalmente o modo de vida anterior.

Quando se fala de um forte conteúdo utopista na doutrina cooperativista deixa-se claro que a maioria dos princípios preconizados pela doutrina, até hoje não se verificam: a) nos países capitalistas desenvolvidos, entre outros motivos, pela monopolização da economia; b) nos países subdesenvolvidos em parte pela monopolização (neste caso precoce) e em parte, como consequência do próprio subdesenvolvimento econômico. Além do mais, as razões da não materialização dos princípios práticos cooperativistas vão desde a inviabilidade de alguns, tais como eliminar o lucro capitalista, o salariado, realizar a república cooperativa e desenvolver a neutralidade política, etc. até a resistência do governo e dos empresários na constituição e desenvolvimento do capitalismo. É evidente que em uma sociedade onde o objetivo maior é o lucro privado, esses princípios tendem a se transformar em “letra morta”.

É preciso ter clareza no que se refere à natureza do capitalismo e entender que os empresários nunca estarão dispostos a renunciar a seus lucros, no máximo poderão diminuí-los. Outra questão a se discutir é quando se fala em desenvolver a neutralidade política e ao mesmo tempo preconizar reformas. Ora, é uma contradição na própria base da doutrina, pois para efetuar tais reformas é necessário utilizar instrumentos políticos. Sabe-se que as próprias cooperativas quando utilizadas, o são na qualidade de instrumentos dessa natureza. Contudo, não se pretende com isso, negar a importância do cooperativismo. Criticam-se apenas as concepções que são vistas nessa doutrina lhes dando objetivos que são impossíveis de se conseguir sem transformações sociais de maior amplitude. Isto quer significar que o cooperativismo por si só não constitui uma forma eficaz de corrigir as desigualdades sócio-econômicas e criar uma sociedade igualitária.

Se referindo ao cooperativismo (Lênin Apud Pinho, 1973) já afirmava que a cooperativa é o “único organismo bom do regime capitalista e como tal deve ser mantido na fase de transição para o regime socialista”. Outro aspecto a ser considerado no cooperativismo refere-se à problemática educacional do sistema que se apresenta como de fundamental importância.

Quando o Estado resolve fomentar e difundir o cooperativismo o faz sob uma ótica distorcida ou como diria (Pinho, 1973), falando das cooperativas criadas pelo Estado “Surge, assim,

um cooperativismo de cima para baixo, ao contrário das cooperativas européias do século passado, que nasceram das entranhas do povo”.

## COOPESCAPE E EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA

### RAZÕES E FORMA DE ORGANIZAÇÃO

No estudo sobre as Cooperativas de Consumo Brasileiro (Máurer Jr., 1973) diz que “desde Rochdale, toda boa cooperativa baseia-se na educação, nenhuma escola melhor de cooperativismo do que o longo período de mais de um ano (...) para discutir o seu programa e os seus métodos comerciais, bem como as dificuldades de sua execução, é a melhor maneira de vencê-los”. Considera ainda esse autor que “só a educação pode formar o homem para a solidariedade esclarecida, dispondo-o a sacrificar as vantagens do presente em prol de um futuro melhor” (Máurer Jr., 1973).

Com base nessas colocações, ao analisar a Tabela 1, constatamos a inexistência de uma preparação educativa sobre cooperativismo, uma vez que 50% dos interrogados alegam que foram “convidados às reuniões pelo então presidente, para se tornarem sócios da cooperativa.”

Tabela 1 – Início da associatividade para a formação da COOPESCAPE.

Especificação	Quantidade	%
Fui convidado às reuniões pelo atual presidente	8	50,0
Através de informações da cooperativa nipo-brasileira	4	25,0
Por intermédio de colegas já sócios	2	12,5
Desconheço o início	1	6,2
Sem respostas	1	6,2
Total	16	100,0

O que evidencia quando, observa-se a Tabela 2, em que 22,2% dos associados interrogados responderam que “o convite do então presidente” foi a razão de se associarem à COOPESCAPE e também por ser este órgão protetor (22,2%).

Outro aspecto a ser considerado sobre a associatividade é a definição do que seja uma cooperativa pelos associados da COOPESCAPE. 30% deles (ver Tabela 3) afirmam que se trata de uma “sociedade muito importante que serve de proteção ao pescador”.

### ASPECTOS QUE MOTIVARAM O AFASTAMENTO DA MAIORIA DOS ASSOCIADOS

Segundo (Máurer Jr., 1973) “a educação deve ser o alicerce sobre o qual se construirá todo edifício da sociedade cooperativa. É dela que virá a participação efetiva dos associados, a

inteligência indispensável para solução de seus problemas, a cooperação decidida em todas as suas formas e em todas as circunstâncias”.

Tabela 2 – Razões que justificam a associatividade

Especificação	Quantidade	%
Convite do atual presidente	4	22,2
Por ser um órgão protetor	4	22,2
Único meio para desenvolver meu trabalho	3	16,6
Importante para o pescador	3	16,6
Por ser um órgão de união	2	11,1
Visando lucros	1	5,5
Através de parentes	1	5,5
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100,0</b>

Tabela 3 – Definição de uma cooperativa pelos cooperados

Especificação	Quantidade	%
Sociedade muito importante que serve de proteção ao pescador	6	30,0
Uma associação para ajudar tanto o pescador como o consumidor	3	15,0
É uma entidade representativa dependendo de quem a dirige	3	15,0
Uma união de classe	3	15,0
É uma boa idéia, porém falta incentivo (material, financiamento, etc.).	2	10
Uma guerra contra o intermediário em benefício da comunidade	1	5,0
Um órgão que representa a SUDEPE no governo	1	5,0
Não sei definir	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20,0</b>	<b>100,0</b>

De um modo geral, diz ainda (Máurer Jr., 1973) que a inexistência de uma ação educativa tem levado os associados de nossas cooperativas à passividade: “Aceitam o que elas podem lhe dar de vantagens, querem a cooperação dos outros, mas raro estão dispostos a fazer a sua parte em prol da sua sociedade”.

Nessa perspectiva, ao analisar as tabelas 4, 5 e 6 observa-se que o afastamento dos associados se deu devido ao despreparo da cooperativa no que concerne à educação dos mesmos. Isto fica evidente quando eles citam os motivos pelos quais se afastaram: “não recebia incentivo,

material (apetrechos de pesca), financiamento, etc.” 50%; “falta de verbas, material etc.” 42,8%; “se a cooperativa oferecesse mais vantagens para nossa melhora,”40%.

Tabela 4 – Razões que justifique o afastamento da cooperativa.

Especificação	Quantidade	%
Não recebia incentivo: material, financiamento, etc.	3	50,0
Mais vantagem de comercializar por outros meios	2	33,3
Por não comparecer as reuniões (fui afastado)	1	16,6
Total	6	100,0

Tabela 5 – Atribuições, segundo os associados sobre o afastamento dos sócios.

Especificação	Quantidade	%
Faltam de verbas, materiais (apetrechos de pesca), etc.	3	42,8
Mais lucro trabalhando para particular	2	28,5
Barco próprio, mais lucro	1	14,2
Desconto do material usado	1	14,2
Total	7	100,0

Tabela 6 – Motivos que trariam os sócios afastados da COOPESCAPE.

Especificação	Quantidade	%
Se a cooperativa oferecesse mais vantagens para nós	4	40,0
Uma reorganização na cooperativa	3	30,0
Se desse mais garantia e proteção	2	20,0
Seria menos explorado	1	10,0
Total	10	100,0

Outro aspecto a ser destacado é a não participação efetiva da maioria dos associados nas assembleias gerais (ver tabela 7), nas quais se elegem os diretores, aprovam-se as contas e decidem-se sobre os negócios da cooperativa.

Tabela 7 – Participação das assembleias gerais.

Especificação	Quantidade	%
Não	17	94,4
Sim	1	5,5
TOTAL	18	100,0

A omissão da tarefa educativa na COOPESCAPE parece indicar que em lugar de uma cooperativa eficiente, os associados se reduziram a um rebanho passivo, sem iniciativa e sem capacidade de qualquer ação.

### EXTINÇÃO DA COOPESCAPE: 20 ANOS DEPOIS

Este item foi desenvolvido a partir de entrevistas realizadas com ex-sócios e ex-dirigentes da COOPESCAPE, na comunidade de Brasília Teimosa, Recife. Na oportunidade, os entrevistados fizeram um breve relato dessa cooperativa, desde a sua fundação em 1976 até o encerramento das suas atividades em 1986, abordando temas como: sócios, diretoria, gestão, intervenção e encerramento.

Os entrevistados relataram que a presença dos sócios nas assembléias da COOPESCAPE era pequena. Esse número só aumentava nas reuniões quando se tinha notícia de que a cooperativa iria oferecer algum benefício, material como apetrechos de pesca, óleo, gelo ou financiamento subsidiado. Assim se expressa um dos ex-dirigentes: “Os sócios só queriam vir para as assembléias se fosse para receber algum benefício”. Com efeito, na pesquisa desenvolvida por (Alcantara, 1980), como vimos na tabela 07, apenas 5,5% dos sócios participavam efetivamente das assembléias da COOPESCAPE. Tal aspecto leva-nos a pensar que, de fato, a educação para a cooperação não foi levada a termo como sugere os teóricos do cooperativismo.

Além da falta de interesse dos sócios em participar das reuniões, alguns alegavam dificuldades para se deslocarem até a sede da COOPESCAPE, tendo em vista que muitos deles residiam em outros municípios.

Ainda segundo relato dos ex-sócios, no período de 1976 a 1986 houve três mandatos. No segundo mandato, os sócios solicitaram uma intervenção municipal, principalmente devido aos débitos da COOPESCAPE com a Companhia de Eletricidade de Pernambuco - CELPE, entre outros fornecedores de serviços. A intervenção durou aproximadamente um ano e foi exercida por um funcionário da Prefeitura da Cidade do Recife (Empresa de Urbanização-URB). Houve um acordo entre a diretoria da COOPESCAPE e a Prefeitura para que esta cedesse, sem ônus, para cooperativa 10 funcionários. Devido ao não cumprimento do acordo, a COOPESCAPE assumiu o pagamento de alguns funcionários, o que deveria ter sido feito pela URB. Como conseqüência do não pagamento, foram ajuizadas causas trabalhistas contra a cooperativa que ainda continuam pendentes.

Um dos ex-dirigentes da COOPESCAPE entrevistado informou que não tinha conhecimento de detalhes desse acordo trabalhista, nem de muitas outras coisas que aconteciam, pois o presidente não convocava a diretoria para reuniões.

No início de 1980, o Banco Nacional de Crédito Cooperativo-BNCC, através do Programa da Pesca Artesanal-PROPESCA financiou uma série de benfeitorias para a COOPESCAPE tais

como fábrica de gelo, câmara frigorífica, sala para beneficiamento do pescado, além de capital de giro e embarcações. Segundo informaram os ex-sócios dirigentes, o financiamento foi dividido em duas etapas. A primeira parcela prevista foi cumprida conforme planejado. No entanto, a segunda parcela que seria utilizada para a aquisição de embarcações só financiou 36 das 80 previstas inicialmente e do capital de giro apenas uma parte foi disponibilizada. Por outro lado, o apoio em assistência técnica e gerenciamento previsto também para a segunda etapa, foram considerados, pelos entrevistados, como incompletos.

Os entrevistados também relataram que o empreendimento financiado para a cooperativa através do PROPESCA foi superdimensionado no que se refere principalmente a fábrica de gelo e a unidade de beneficiamento do pescado. A receita era menor que os custos, contando ainda que não havia controle financeiro e nem da produção (pescado e gelo). Em depoimento um dos ex-sócios da COOPESCAPE afirmou: “na segunda gestão havia desvio de pescado e gelo, embora isso agente não possa provar”. Esses relatos demonstram a falta de discussão dos dirigentes com os associados, ficando claro que os sócios desconheciam os problemas administrativos da cooperativa.

No que dizem respeito às razões que determinaram o fechamento da COOPESCAPE, os ex-sócios entrevistados apontaram a falta de participação nas atividades da cooperativa e principalmente a frágil gestão administrativa e financeira por parte da direção. Os indícios desse fechamento já ficaram sinalizados nas tabelas 04, 05, e 06 da pesquisa de (Alcantara, 1980), quando os associados citam aspectos relacionados ao despreparo da cooperativa no que concerne à educação, tais como: “não recebia incentivo: material (apetrechos de pesca), financiamento, etc.” 50%; “falta de verbas, material etc.” 42,8%; “se a cooperativa oferecesse mais vantagens para nossa melhora,”40%. Outro ponto que comprometeu o desenvolvimento da Cooperativa segundo os entrevistados, foi a insuficiência de recursos destinados através do PROPESCA para a cooperativa, já que foram disponibilizados apenas parte dos recursos prometidos.

Em seu livro sobre cooperativismo, (Rios, 1989) ao correlacionar o cooperativismo e a ideologia conservadora, chamou a essa correlação de “cooperativismo elitista”. Diz ele: “É comum nessas cooperativas a figura do “dono”, isto é, a pessoa física que é identificada como se fosse proprietária da sociedade cooperativa, única a definir a política da mesma, manter contatos com bancos e órgãos de assistência técnica, enfim a clássica figura insubstituível”. Essa tese é reforçada quando os entrevistados por (Alcantara, 1980), conforme tabela 2, sobre as razões que justificam a associatividade, dos entrevistados 22% afirmaram terem sido convidados pelo então presidente para se associarem.

Ainda com relação à “figura insubstituível” nas cooperativas, em nossa vivência profissional trabalhando com comunidades pesqueiras, observamos que essa prática, “dono da cooperativa”, se verifica também na maioria das colônias de pescadores.

Dentro desse contexto, tanto os depoimentos dos associados da COOPESCAPE entrevistados por (Alcantara, 1980), quanto os dos ex-sócios e ex-dirigentes dessa cooperativa, colhidos para o presente trabalho, convergem para um mesmo ponto: o da concentração do poder por parte dos presidentes da COOPESCAPE e a falta de preparação no campo da educação cooperativista da diretoria e de seus associados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados colhidos e suas respectivas análises no decorrer deste trabalho evidenciaram que a formação da cooperativa, por não ter como ponto de partida a educação cooperativista, tão necessária para o êxito desse empreendimento, contribuiu acentuadamente para o afastamento da maioria dos associados da COOPESCAPE. Anos mais tarde, tal dimensão do cooperativismo, aliada a outros aspectos de gestão, acabaram por encerrar as atividades da organização no âmbito da pesca.

A conseqüência, talvez mais drástica desse processo, foi ter impedido (mais uma vez na história do desenvolvimento da pesca) os pescadores de exporem seus problemas, exercitarem sua capacidade de decisão, participar das assembléias, enfim, de serem cooperados e cooperadores.

Diante disso, parece urgente a necessidade de se refletir sobre as questões abordadas, no sentido de que a educação cooperativista assuma o lugar de destaque, como previram os idealizadores do cooperativismo. social e econômica. No âmbito da pesca, há décadas que se impõe esse tipo de destaque frente às condições sociais adversas vivenciadas pelos pescadores em termos de organização.

Por outro lado, baseado no que foi analisado neste trabalho, seria necessário estudarmos a possibilidade de apoio primeiramente no associativismo na pesca artesanal e só depois pensar se a melhor saída é o cooperativismo, já que este, além de ser mais complexo tem um caráter empresarial, e para isso é fundamental seguir os princípios e valores que norteiam o cooperativismo, o desenvolvimento de parcerias e envolvimento das instituições que cuidam dessa questão.

### REFERÊNCIAS

- Alcantara, S.L. (1980). *Coopescape: Aspectos da educação cooperativista* [trabalho de conclusão de Curso]. Recife: UFRPE.
- Braga, G.M., Deboçã, L. P., Andrade, J.M.F. & Gonçalves, R.M.L. (2002). As implicações do trabalho em cooperativas de trabalhadores rurais. *Scripta nova – revista eletrônica de geografia y ciências sociales*. Universidade de Barcelona. VI:(119). [www.ub.es/geocrit/sn](http://www.ub.es/geocrit/sn).
- Callou, A.B.F., M.C., Intyre, J.P., Santos, M.S.T. & Bergonsi, S.S.S. (2006). O cooperativismo pesqueiro no Brasil e as linhas de financiamento: uma estratégia de desenvolvimento local? In:

Santos, M.S.T & Callou, A. B. F.(2007) (Org.) *Associativismo e Desenvolvimento Local*. Recife: Editora Bagaço.

Holyoake, G. J. (1972). Origem e fins da sociedade. *Os 28 Tecelões de Rochdale. (História dos probos pioneiros de Rochdale)*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta.

Máurer Jr, T.H. (1973). As cooperativas de consumo brasileiras: crise, recuperação e necessidade na conjuntura nacional. *A problemática cooperativista no desenvolvimento econômico*. São Paulo: Fundação Friedrich Naumann. 204(5):214-216.

Molina, H. (2007). Idéias socialistas francesas e a comuna de Paris: suas relações com o pensamento de Marx. *Curso de extensão sindical, atualidade do pensamento Marxista*, Rio de Janeiro, abril de [www.sindpdrj.org.br](http://www.sindpdrj.org.br).

Pinho, D.B. (1973). *A doutrina cooperativa e a problemática do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Fundação Friedrich Naumann.

Rios, G.S.L. (2006). Cooperação e tipos de cooperativismo no Brasil. *1º Encontro da Rede de Estudos Rurais*, Niterói.

Rios, G.S.L. (1989). *O que é cooperativismo*, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.✻